

Tese e antítese

Leopoldo Waizbort

A obra e o pensamento de Antonio Candido parecem-me um calmo vulcão; suas erupções, algumas um pouco mais altas e fortes, outras tranquilas; mesmo as mais fortes não vieram acompanhadas de terremotos. Mas sua lava jorra continuamente, tornando férteis os variados terrenos por onde se esparrama, reconfigurando paisagens e topografias, por vezes até mesmo sem que se perceba. A temporalidade desse vulcão não é o instante, mas o tempo espichado de um labor e de um legado cujos frutos descortinam-se com o passar dos anos.

A republicação de sua obra quase completa permite-nos aquilatar uma vez mais a amplitude, a variedade e a riqueza de seus escritos, as erupções. Permite-nos também, em chave menor, vislumbrar com mais clareza, e agrupar, diferentes perfis em sua obra. Há as monografias (*O método crítico de Silvio Romero, Formação da literatura brasileira, Os parceiros do Rio Bonito, Um funcionário da monarquia*). Há os livros direcionados para a sala de aula ou de caráter mais didático (*Na sala de aula e Iniciação à literatura brasileira*). E há as reuniões de vários escritos, que predominam largamente, firmando a craveira ensaística do autor (*Brigada ligeira, O observador literário, Literatura e sociedade, Vários escritos, Teresina etc., A educação pela noite, Recortes, O albatroz e o chinês; Ficção e confissão* também, apesar de dedicado a um único autor). E há uma dupla residual, mas decisiva: *Tese e antítese* e *O discurso e a cidade*. Ambos são reuniões de vários escritos, mas, à diferença do grupo anterior, neles os ensaios estão alinhavados e agrupados de modo a abordarem um problema, configurando uma totalização que possui sentido próprio. Quase se poderia dizê-los livros temáticos. Algo disso é sugerido pelos títulos, tematizado nos respectivos prefácios e desenvolvido de modo entrelaçado e intertextual por entre os ensaios e as partes (e mesmo entre os dois livros).

Em *Tese e antítese*, publicado em 1964, Antonio Candido enfeixou seis ensaios aparecidos inicialmente entre 1945 e 1960. Um extremo do fio que alinhava os distintos estudos nos é dado no prefácio, em que nomeia e aponta o problema de cada um deles: todos giram em torno da “divisão do ser”, ou sua alteração. Heróis que se mostram ambíguos, atormentados, dilacerados. Romances de Alexandre Dumas (1802-70), Eça de Queiroz (1845-1900), Joseph Conrad (1857-1924), Graciliano Ramos (1892-1953) e João

Guimarães Rosa (1908-67) são analisados e, ao final, um ensaio retorna às impressões musicais de Stendhal (1783-1842) e oferece, como “extraprograma”, um “contraveneno”.

A listagem não deixa ver muito de comum, exceto terem todos escrito romances (hoje se apontaria: homens, brancos, mortos). Seus tempos são variados, assim como seus lugares e suas línguas, o que não dizer de suas dicções autorais. Não obstante, todos figuram “o homem dividido” e os ensaios coligidos “são como uma série de bonecos de mola, que saltam da caixa quando se ergue a tampa. [...] o crítico se imagina um Asmodeu dialético e abre as caixas”. Eis a imagem mais forte de todo o livro, e diz respeito ao crítico em ação. Agora não mais um “observador literário”, e sim Asmodeu, em pleno embate com a potência literária, erguendo tampas, destrinchando textos (fazendo a cuíca roncar, para lembrar o introito de um samba famoso).

O poema de Emílio Moura na abertura do livro formula à perfeição a “divisão do ser”, “o homem misteriosamente assaltado por forças que o dividem”. Sem dar *spoiler*, revela a divisão da personalidade decantada em distintos registros em cada um dos ensaios:

*Que apelo me chega
desta voz que emerge
de tão fundas águas?
É alguém esquecido
no fundo dos tempos?
Meu anjo vencido?
Meu duplo secreto?
Que apelo indizível
me chama, me grita
que esqueça, que durma
ou me divida em tantos
que nenhum seja eu?
Nem eu, nem ninguém.*

O poema sintetiza *Tese e antítese*. Atiçando ambas, Asmodeu constrói o seu livro; os romances examinados desdobram teses e antíteses em formas de sínteses, em dois planos distintos, que se fundem, cada vez a seu modo. Em um deles, é por vezes a síntese do herói, síntese do eu dividido, quando a cada vez se assinala a contradição que define e

impulsiona seja o herói (forma também de seu individualismo e de sua alma romântica), seja o enredo. Em outro plano, a síntese também é sempre a obra, “forma literária do romance” (“uma certa maneira de narrar”). E, por vezes, síntese abarcadora de toda uma visão de mundo e de todo um mundo e um tempo do romancista — transcendendo-o assim e ganhando foros de universalidade, sem jamais apagar o particular. Nesse sentido, percebemos um trabalho constante do crítico na compreensão da ordem narrativa construída e dos procedimentos narrativos mobilizados, pois disso resulta a figuração literária do real, do “eu dividido em tantos”, como diz o poema (o Conde de Monte Cristo, os variados protagonistas de Eça, Conrad e Graciliano, o narrador de Rosa). Em paralelo, um fio de referências e intertextualidades entre os ensaios e partes revela uma costura cuidadosa, não obstante todos os textos terem sido antes publicados em avulso (basta pensar na onipresença subterrânea, e ocasionalmente explícita, de Dostoiévski).

O primeiro estudo trata d’*O conde de Monte Cristo* (publicado na década de 1840, ainda antes da Revolução) e da transformação de Edmundo Dantès em um “homem realmente *outro*”, o “desdobramento final do seu ser”. Antonio Candido explora o folhetim romântico como espaço privilegiado para o desenrolar da tensão, partição e dinâmica do ser ou da alma. A vingança é o móvel que permite a Dumas figurar a questão de modo pleno e matizado — não obstante as limitações da forma folhetinesca. “A vingança foi uma das possibilidades de verificar a complexidade do homem e da sociedade”, e com ela podemos adentrar no conturbado processo de ascensão do indivíduo moderno, na época da ascensão burguesa na França. Por outro lado, se a forma folhetinesca lhe constrange e limita (e acaba por enfraquecer a parte final da obra, como argumenta o crítico), faculta-lha, na outra direção, a enorme difusão.

O segundo estudo, “Entre o campo e a cidade”, trata do romance naturalista com traço romântico, pois em variados momentos de sua obra Antonio Candido destaca o “longo Pós-Romantismo em que ainda vivemos”. Agora o crítico evidencia o contraste, a oscilação, o diálogo e a acomodação entre o campo e a cidade, e o problema da civilização burguesa é refratado em país de feição tradicionalista (“o pequeno Portugal bucólico”, “uma roca de fuso no canto perdido de uma fábrica moderna”). A tensão de tese e antítese (o campo, a cidade) conduz a uma “reconciliação” no romance maduro de Eça de Queiroz. Nesse caso, como nos seguintes, o escrutínio do crítico indaga toda a obra do autor, e não um romance singular, como no caso de Dumas e, ao final, de Rosa. E acompanhando a trajetória literária de Eça o crítico desvela as tensões que,

transfiguradas, dão substância à forma do romance e os seus deslocamentos e acomodações ao longo da obra (publicada a partir da década de 1870).

Em Conrad, que começou a publicar nos anos 1890, encontramos contraposição seja ao indivíduo ascendente de Dumas e sua época, seja aos impasses e contradições da vida e do indivíduo na periferia europeia: agora, seu destino social fica totalmente subsumido à sua alma individual e atormentada. O indivíduo está sempre em risco, sempre posto à prova, em situações de decisão e escolha em que nem sempre a moral dos homens é capaz de o orientar e redimir (“consciência dividida, perplexa num universo de valores abalados”). “Catástrofe e sobrevivência”, tese e antítese, são os termos que inscrevem a busca de uma unidade, ou integridade, do ser, procurada incessantemente, quando “o caráter se dissolve” e o ambiente o envolve em névoa e treva. Mesmo quando a almejada síntese é vislumbrada na moral, não se realiza jamais, pois nos momentos decisivos emerge um “ignorado Eu sobressalente”, revelador do ser cindido, o Outro, o Duplo.

“Os bichos do subterrâneo”, o ensaio dedicado a Graciliano Ramos, serve à discussão de modalizações de naturalismo, antinaturalismo e realismo nos romances daquele autor (publicados a partir dos anos 1930). Não se trata simplesmente do percurso de uma obra a outra, dos deslocamentos que vão se sucedendo na fatura e na concepção, mas na própria configuração literária do real. E então, e por isso, e desse modo, emergem os bichos do subterrâneo, a divisão do ser, Paulo Honório, Luís da Silva. A outra ponta da obra, na passagem da ficção para a confissão (como Antonio Candido já havia apontado em livro anterior), tornou possível uma síntese da obra: “passar do mundo como prisão para a prisão como mundo”. Novamente, tese e antítese.

“O homem dos avessos”, estudo sobre o *Grande Sertão: veredas* (1956), que é o mundo, que é o homem, reitera o mote e ostinato da reflexão sobre o realismo, não como estilo ou escola, senão como problema, como realidade em latência e potência, como linguagem e expressão, como criação, invenção, fantasia. Aqui, nesse mais extremo dos casos, tese e antítese anulam-se em uma ininterrupta e infinda síntese transfiguradora e transcendente em todos os sentidos (espaço, tempo, natureza, psique, gênero, linguagem, relações humanas, mito, rito, valores, pensamento, sentimento, bem, mal, deus, diabo, mundo). Daí a “coexistência do real e do fantástico, amalgamados na invenção e, o mais das vezes, dificilmente separáveis”. Dito isso, é fácil perceber como o ser mostra-se aqui variado, múltiplo, pelos avessos. Talvez então encontremos a formulação mais canônica de tese e antítese (e sua síntese), formulada nos termos da problematização-programa do

livro: “um deslizamento entre os polos, uma fusão de contrários, uma dialética extremamente viva — que nos suspende entre o ser e o não ser para sugerir formas mais ricas de integração do ser”.

Ao final, “Extraprograma: Melodia impura”, como “contraveneno”, não trata mais de narrativa romanesca, como até então fora o caso, e menos ainda do problema do ser cindido. Procura, antes, reconstruir a busca stendhaliana de uma alma coesa, embora contraditória, no deleite musical, “prazer terno e sublime”, já não mais simplesmente promessa, mas realização, mesmo que efêmera.

Leitores encontrarão ainda muito mais nesse livro rico, plural, complexo, mas muito claro e ordenado, realização plena e madura da penetração analítica discreta e modesta de Antonio Candido. Com *Tese e antítese* novamente em mãos, é ler, e em verdade não somente os ensaios do livro, mas também todos aqueles romances, pois somente assim uma relação realmente livre, ou crítica, entre autor, obra e público pode nascer e dar corpo, continuamente, a uma tradição: múltipla, poliforme, viva.

Leopoldo Waizbort é professor de sociologia na Universidade de São Paulo. Cometeu, sobre Antonio Candido, quatro pecados: o livro *A passagem do três ao um* (2007); o artigo “Esquema (parcial) de Antonio Candido” (2002); a resenha “Correspondência literária” (das cartas trocadas com Ángel Rama; 2018), e a nota “Antonio Candido: heranças, herdeiros” (2017) no blog de *Novos Estudos*.